cação Nacional (LDB), no 9.394/96 (Brasil, 1996), no Capítulo III, art. 4º, inciso III.

Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases em 1996

ESPAÇO FÍSICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: TEMPO DE CRIAR, BRINCAR E RECRIAR

ANDRÉIA CANTELLI MONARO

RESUMO

Por meio da revisão da literatura, foi possível discorrer acerca dos espaços físico na educação infantil, com foco no criar, brincar e recriar brincadeiras, especificamente no que se refere à ludicidade e aos jogos. Partindo deste cenário, se faz necessário que as instituições de educação infantil, públicas ou privadas, tenham uma proposta política pedagógica que atenda as necessidades das crianças, configurando-se como um instrumento de apoio para a atuação dos professores e as práticas de cuidar e educar. Para o desenvolvimento do trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseando-se nos seguintes autores: Sonia Kramer, Ilma Veiga, Gilda Eliana Costa, Maria Horn, entre outros que serão citados ao longo do trabalho, auxiliando-nos a ter uma apreciação crítica sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Espaço Físico; Brincadeiras.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema, analisar o espaço físico na educação infantil, com um olhar para o criar, brincar e recriar brincadeiras, especialmente no que se refere a ludicidade e aos jogos para os pequenos, sendo assim, o objetivo central é de nortear as práticas do educador nos espaços físicos escolares diante aos desafios da educação infantil.

As instituições escolares públicas ou privadas constituem-se de espaços geradores de cultura e desenvolvimento, onde as esperanças por uma sociedade mais democrática se renova.

Portanto, justificam-se, ter como base de estudo ações pedagógicas direcionadas para os espaços, atentando-se para a autonomia e as habilidades do conhecimento físico e social. Diante disso, espera-se que responda a problemática desta pesquisa que é: Qual a importância dos espaços físicos nas instituições escolares?

Os objetivos específicos busca analisar o fazer pedagógico diante dos espaços físicos escolares, refletir sobre a importância da prática do educador frente aos direitos das crianças e identificar as ações pedagógicas dentro desses espaços de brincadeiras e desenvolvimento.

A partir do momento em que aja uma separação em reconhecer que as escolas de educação infantil não é uma preparação para á próxima etapa do ensino, as realizações arquitetônicas devem dar espaço para a construção do ambiente infantil. Isso implica em manter o foco nas relações pedagógicas educativas no cuidar e educar e no direito das crianças em se considerar como atores sociais.

Desta forma o professor deve possibilitar a criança vínculos para a exploração do mundo, onde tanto o adulto como as crianças encontrem oportunidade de desenvolvimen-

to.

2. DESENVOLVIMENTO

Espaço físico na educação infantil

A educação infantil é um espaço de vivência entre meninos e meninas de 0 a 6 anos de idade. Estarão presentes neste espaço o comprometimento da instituição em garantir acesso aos diversos conhecimentos por intermédio do caráter educativo, que é o de compartilhar com as famílias a responsabilidade de cuidar e educar das crianças.

Para isso é importante elaborar um projeto político pedagógico que garanta à criança a vivência digna de seus direitos sendo protagonizadas e consolidadas dentro dos espaços das unidades educacionais. Acreditando que as crianças são portadoras de histórias e construtoras de culturas.

Político e pedagógico têm assim uma significação indissociável. Nesse sentido é que se deve considerar o projeto político-pedagógico como um processo permanente de reflexão e discussão dos problemas da escola, na busca de alternativas viáveis à efetivação de sua intencionalidade [...]. Por outro lado, propicia a vivência democrática necessária para a participação de todos os membros da comunidade escolar e o exercício da cidadania. Pode parecer complicado, mas trata-se de uma relação recíproca entre dimensão política e a dimensão pedagógica. (VEIGA, 2005, p.13)

Se contrapondo ao caráter assistencialista, espontaneísta e compensatório, hoje no mundo contemporâneo a educação infantil é vista como educação coletiva.

Podemos notar que nos últimos tempos a criança vem sendo notada como ser participativo pelo fato de suas especificidades serem um referencial cultural. Elas conquistam aos poucos este espaço, e a nova proposta de trabalho pedagógico em razão destas mudanças concede as crianças autoridade e respostas assegurando sua competência nas relações sociais. Nesta nova construção social o espaço deve ser de direito das crianças.

As escolas de educação infantil são instituições que abrigam crianças de diversos tipos de situações financeiras e sociais, vários tipos de raça, sexo, crenças, culturas e atender crianças portadoras de necessidades especiais. Além de serem espaços privilegiados de convivências, onde as crianças terão a oportunidade de vivenciar experiências que as fizessem se sentir por inteiro, e necessário que haja a valorização da ludicidade, do imaginário do jogo das relações interpessoais, do convívio com a natureza, da leitura de mundo e letramento.

Para qualquer ser vivo, o espaço físico é vital, não apenas para a sobrevivência, mas, sobretudo para o seu desenvolvimento. Para o ser humano, o espaço, além de ser um elemento potencialmente mensurável, é no espaço que ele se movimenta, realiza atividades, estabelece relações sociais (LIMA, apud PRATES, 2010, p.14).

Além de serem espaços privilegiados de convivências, onde as crianças terão a oportunidade de vivenciar experiências que as fizessem se sentir por inteiro, e necessário que haja a valorização da ludicidade, do imaginário do jogo das relações interpessoais, do convívio com a natureza, da leitura de mundo e letramento.

O que se faz necessário ostentar neste trabalho é que o espaço sendo grande ou pequeno seja transformado em ambiente

que garanta a interação entre adulto e criança. Com ou sem a presença do adulto deve ser um espaço que permita que as crianças tenham criatividade, que se sejam criativas, sujeitos ativos, formuladores de hipóteses, transformadores, ou seja, que lhe dêem com os seus próprios saberes.

É preciso organizar os espaços de maneira que permitam o descanso e, ao mesmo tempo, espaços que permitam uma atividade intensa e enérgica. [...]. Espaços que seja muito semelhante ao lar e com muitos elementos familiares [...]. (ZABALZA, apud FORNEIRO, 1998, p. 252).

Neste caso, estamos pensando em um espaço construído por intermédio da percepção e da participação da criança. A construção concreta do espaço dependerá do infantil, que se dará por meio da sedução ou da rejeição (sem que se tenha consciência disto).

Segundo Faria (1999, p.40) Projetar, fazer arquitetura é uma das maneiras de relacionar com o espaço, com o lugar e com o mundo.

As crianças passam a maior parte de seu tempo na instituição, a cada mudança de ambiente em decorrer das atividades se identificarão ou não com os espaços e terão sensações boas ou ruins a respeito deste. A criança sentindo-se parte da construção do espaço arquitetônico é capaz de usar sua imaginação e sua criatividade aproximando as fronteiras do possível e do impossível. Esta concepção (que é próprio da criança) só será permitida a partir de uma proposta pedagógica diferenciada.

Portanto o profissional encarregado da organização dos espaços deve ser "supostamente" consciente que os direitos das crianças devem ser vivenciados na Instituição; o ambiente deverá garantir que as crianças convivam com todas as diferenças (raças, etnias, gênero, religião, cultura, etc.) se opondo a desigualdade e exercitando a tolerância (e não o conformismo) a solidariedade, a compreensão e a cooperação aprendendo desta forma a arbitrariedade e provisoriedade da hierarquia social existente na sociedade atual. Contudo, a criança tem a necessidade de ser ouvida, entendida e compreendida, pois sua satisfação em ser atendida e realizada estará estampada em seus gestos sinceros.

A escuta do outro, da experiência alheia, que é passível de ser compartilhada, se por um lado favorece a interiorização, por outro provoca expressões e evocações por meio de ativação e do trabalho da memória, gerando relatos e narrativas que se exteriorizam e se socializam em um processo que cria relações entre interior e exterior e interações entre o eu e os outros. (SILVA, 2017, p.1003)

A partir daí, é importante que este ambiente garanta o imprevisto, (e não a improvisação) o lúdico, a fantasia, a imaginação, o faz de conta, as diversas linguagens e as brincadeiras, além de conceder espaços que possam conviver com a natureza, que tenham liberdade para correr, gritar, dormir, comer, pular, desenhar, representar, interpretar nas suas diversas funções, ver vídeos, tomar banho, mexer com água, com a terra, o fogo e o ar; aventurar-se no perigo sem se machucarem.

Os educadores trabalhando para a construção dessa identidade

No trabalho pedagógico o que é proposto pelo adulto e vivido pelas crianças deve

levar em consideração as manifestações das crianças, que é o seu tempo, suas necessidades e sua cultura.

As relações de afetividade vivenciadas entre as crianças; entre as crianças e os adultos e entre os adultos, também pode trazer confrontos em relação a suas convivências. O período de adaptação entre as crianças em relação á outras crianças e aos adultos será em longo prazo, pois cada um terá mais afinidade com uns do que com outros. O que não poderá acontecer é virar uma exceção porque a interação entre todos os atores da escola (desde a faxineira até a diretora) deve ser parte integrante do processo de desenvolvimento com a realidade natural, social e cultural.

Os espaços físicos da instituição devem ser planejados coletivamente para que todos se assegurem do que podem ou não podem fazer e qual o papel que cada um irá exercer (de acordo com seus respectivos cargos). Até porque havendo um imprevisto, um não espere que o outro lhe diga o que fazer, tendo autonomia suficiente para decidir positivamente.

Planejar, agir e refletir são ações diferentes, mas que se complementam permanentemente pelo professor assim como o processo de ação, reflexão, ação, desenvolvimento pelos alunos enquanto constroem suas aprendizagens, equilibrando os novos conhecimentos. São também etapas do processo de planejamento. Esses elementos permitem ao professor realizar mudanças, orientando novos desafios que serão propostos para os alunos na construção de novas aprendizagens. Desacomodando velhas práticas e refletindo sobre o novo fazer pedagógico procurando motivar a mudança de uma postura conservadora e tradicional para desenvolver um trabalho voltado para a ludicidade. (PRATES, 2010, p.38)

A partir daí, o adulto que trabalhará diretamente ou indiretamente com a criança em seu dia-a-dia deverá ser um profissional com formação para professor de crianças pequenas e que possibilite a criança á ver dignamente seus direitos proclamados.

A decisão de se permitir envolver no mundo mágico infantil seria o primeiro passo que o professor deveria dar. Explorar o universo infantil exige do educador conhecimento teórico, prático, capacidade de observação, amor e vontade de ser parceiro da criança neste processo. Nós professores podemos por meio das experiências lúdicas infantis obtermos informações importantes no brincar espontâneo ou no brincar orientado.

No brincar espontâneo, as crianças brincam daquilo que lhe vêm á cabeça, e neste momento podemos observar suas ações lúdicas, já no dirigido, podemos propor desafios com propósitos específicos.

Segundo Kramer (1989), é conveniente que o educador: Coloque-se em um ponto fixo da sala e chamar uma ou mais crianças para distribuir os materiais, percorra pela sala incentivando e conversando com a criança sobre o que estão fazendo e manifeste-se entusiasmente pela criação e manifestações das crianças.

Tempo de criar, brincar e recriar

As crianças gostam de brincar sozinhas, com o adulto e bem mais entre elas, por isso deve haver espaços flexíveis que correspondem com esta liberdade.

A apropriação de expressões orais ou enriquecimento da linguagem da criança re-

solver problemas e expressar sentimentos por meio da fala, aproximando- se cada vez mais das práticas de convivência social. Por todos estes motivos, torna- se essencial que o educador garanta um espaço em que o lúdico se manifeste. “Não basta a criança estar em um lugar organizado de modo a desafiar as suas competências: é preciso que ela interaja com este espaço para vivê-lo intencionalmente” (HORN, 2004, p.15).

Seu papel, nesta situação é o de estimular a linguagem e a livre expressão das crianças, emprestando sua fala quando necessário e ajudando-as de forma clara a organizar logicamente seus pensamentos.

As brincadeiras e jogos com palavras são excelentes recursos para favorecer a comunicação oral.

As crianças costumam gostar de brincadeiras cantadas, pois essa linguagem guarda semelhança com seu modo de pensar e se expressar. Elas se envolvem e se divertem ao brincar com as rimas, sonoridade e etc. Portanto é importante trazer diferentes textos para que as crianças possam memorizar balbuciar trechos, refrões e sentir-se desafiada.

As cantigas de roda são de extrema importância para a cultura de um local. Através dela dá-se a conhecer costumes, cotidiano das pessoas, festas típicas do local, comidas, brincadeiras, paisagens, flora, fauna, crenças, dentre muitas outras coisas. Nesse sentido, brincando de roda a criança exercita naturalmente o seu corpo, desenvolve o raciocínio e a memória, estimula o gosto pelo canto e desenvolve naturalmente músculos ao ritmo das danças ingênuas. (MELO apud COSTA, p.16).

O repertório de cantiga, brincadeiras cantadas, trava-línguas, parlendas, quadrinhas populares, joguetes e etc., possibilitam muitas oportunidades de brincar com as palavras. Estes textos são antigas manifestações da cultura popular, universalmente, conhecida e mantida vivas através da tradição oral.

Estes textos pertencem a uma longa tradição de uso da linguagem para cantar, recitar e brincar. A maioria deles é de domínio público, ou seja, não se sabe quem inventou: foram simplesmente passados de boca a boca, das pessoas mais velhas para as mais novas, por isso podemos dizer que as brincadeiras com palavras são experiências que contextualizam na cultura lúdica.

Nestes espaços também deverá ter lugares para atividades em grandes ou pequenos grupos com ou sem a presença do adulto. Espaços que lhe propiciem informações além das que obtém das suas famílias ou que obterão na escola.

Participar das brincadeiras e dos jogos organizados exige muito da criança. É necessário que ela saiba respeitar a si mesma e aos outros. Precisam compreender a lógica das normas e reconhecer o certo e o errado. O educador precisa ter claro que são necessárias qualidades emocionais, sociais e intelectuais para que a criança atinja esse estágio de desenvolvimento.

Da mesma forma, para psicólogos, especialmente freudianos, o jogo infantil é o meio de estudar a criança e perceber seus comportamentos. Melanie Klein usa o jogo como meio de diagnostico de problemas da criança. Não estuda a especificidade do jogo, vendo-o como um meio de expressão natural. Outros teóricos, como Vygostsky e Bruner, focalizam o contexto sociocultural e a es-

trutura da linguagem para subsidiar o estudo da brincadeira. (KISHIOMOTO, 1994, p.123)

O aspecto social compreende o elemento mais marcante na atividade lúdica da criança, nos anos seguintes, será sem dúvida um dos componentes mais importantes do seu desenvolvimento. Deixando de lado o egocentrismo, a criança passa a usar a linguagem para coordenar atividades de grupo visando algum objetivo comum.

A criança que participa de atividades grupais manifesta-se algumas vezes por meio de comportamento agressivo, mas gradativamente suas investidas tornam-se mais aceitáveis. Por trás deste comportamento pode estar uma tentativa de chamar atenção, uma necessidade de conversa, demonstração de interesses, estímulo ou afeição. Seus acessos de raivas e seu "não" são essências para a formação do caráter e da autoafirmação. Aos poucos, elas utilizarão meios mais socializados de expressão.

È imprescindível que as crianças sejam divididas em pequenos grupos facilitando a responsabilidade do professor no que diz respeito ao cuidado. As atividades propostas pelo professor devem ter como finalidade pedagógica às brincadeiras porque é por intermédio delas que despertará nas crianças a curiosidade em saber cada vez mais sobre as coisas existentes que as rodeiam. No decorrer das brincadeiras o professor deve ser flexível deixando as crianças escolherem as atividades que irão realizar. O professor será somente um gerador de possibilidades (o companheiro de jogo; de conversa; de construção; de elaboração de histórias e de significados) garantindo que todas as crianças participem das atividades mantendo o ambiente em harmonia.

Segundo a vivência de Ostetto os trabalhos em pequenos grupos contribuíram para,

A segurança, a autonomia, a vivência das múltiplas linguagens e as interações entre o grupo. Possibilitaram também algumas mudanças na rotina da turma, pois tempo e espaço foram repensados para a

dinâmica dos pequenos grupos, criando situações que favoreceram a observação e nossa presença mais constante e atenta para com as crianças. A experiência com os pequenos grupos representou momentos de descobertas, de aprendizado, de aproximação das crianças e de sensibilização da escuta e do olhar. (OSTETTO, 2013, p.86)

Brincar é algo que deveria levar o brincante a desenvolver as suas próprias capacidades de descoberta e de imaginação. Isso não significa que as situações de brincadeiras precisem acontecer só de forma espontânea. A observação atenta dos educadores nas brincadeiras e o respaldo teórico colaboram para que suas invenções sejam apropriadas, sobretudo no eixo da comunicação oral.

A brincadeira promove o desenvolvimento oral e social das crianças e a intervenção do educador nestes momentos é um dos elementos que pode favorecer a ampliação de suas concepções comunicativas.

Através das atividades lúdicas as crianças podem se relacionar e conviver com diferentes sentimentos que fazem da sua realidade interior.

As escolas devem dispor de espaços para que os professores possam trocar experiências vivenciadas em salas de aula, fazer relatos e projetos, registrar experiências, avaliar seu próprio trabalho e do grupo. Também devem dispor de recursos para que fa-

çam cursos de aperfeiçoamento fora do seu ambiente de trabalho, incentivando-os na sua formação.

Convém promover um amplo questionamento sobre a atual situação e atuar em novas propostas de formação continuada de professores, nas quais novos elementos adquiram importância que, mesmo disseminados em livros e no vocabulário pedagógico, ainda estão longe de serem inseridos nas políticas e nas práticas de formação. (IMBERNÓN, 2010, p.42)

A participação dos pais e da comunidade nas tomadas de decisões é de extrema importância para que o trabalho pedagógico proposto possa ser questionado constantemente. Este acompanhamento pode ser feito periodicamente para trocar experiências, realizar pesquisas, propor soluções e dar opiniões adequadas para atingir o aperfeiçoamento da educação das crianças.

O espaço educativo não deve ser considerado apenas como um local de trabalho e sim, um recurso e um companheiro do professor. Neste espaço a criança deve se descentralizar da figura do adulto e procurar se autogerirem naquilo que mais os interessam.

3. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou um olhar mais pontual para os espaços físicos escolares na educação infantil e mostra a importância do tema em prol do desenvolvimento pleno da criança.

Algumas abordagens e estudos demonstram que os direitos das crianças devem ser garantidos em todos os espaços e uma formação pedagógica permanente de qualidade faz a diferente.

Assim, todas as atividades desenvolvidas pelo educador devem ter objetivos claros contendo níveis diversos de dificuldades, afim de que as crianças participem e usem sua criticidade e criatividade.

Também é preciso destacar que o projeto político pedagógico comprometido em garantir a criança como protagonista assegura as múltiplas manifestações culturais e é o caminho para um trabalho de qualidade e excelência.

Os ambientes diversos e que podem ser potencializados em conjunto com o educar e cuidar são muito mais que lugares de atividades diárias, são combinações planejadas da participação ativa da criança, da compreensão do social, das vivencias e das múltiplas experiências que estimulam a criatividade e a autonomia.

Faz-se necessário aprofundar as pesquisas voltadas para o tema, contudo, a organização do espaço deve fazer parte do currículo da escola, pois organizar o espaço é abrir novos horizontes para que as crianças possam se sentir á vontade para realizar deferentes atividades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.

COSTA, Eliane Veiga Cabral; GUIMARÃES, Kamila Queiroz; DA SILVA, Mey Ling Oliveira. Cantigas de roda como resgate cultural na educação infantil. Revista Igapó-Revista de Educação Ciência e Tecnologia do IFAM, v. 13, n. 1, 2019.